

# ★ E Portugala Esperantisto

ÓRGÃO MENSAL DO MOVIMENTO ESPERANTISTA PORTUGUÊS

## Director

MANUEL DE JESUS GARCIA

## Editor

JOAQUIM COSTA

## Propriedade

DA L. E. S. NOVA VOJO E LIGA  
DOS ESPERANTISTAS OCIDENTAIS

## Redacção e Administração

RUA DO JARDIM DO REGEDOR, 5, 4.º  
LISBOA

## Composto e Impresso

TIP. A MONTANHESA — S. PESSOA, L.ª  
R. LUZ SORIANO, 71 — LISBOA

Número avulso \$50

Em papel melhor \$75

Assinatura para Portugal e Espanha, . . . . . 6800  
anual, Esc. . . . .  
Colónias portuguesas, anual, Esc. . . . . 7800  
Outros países, francos franceses . . . . . 7

## ENHA VO (SUMÁRIO)

Serenidade da razão, *por Costa Júnior.*  
O que seria a I. K., *por Mário Pedroso de Lima.*  
Unuigi por venki, *de Manuel de Jesus Garcia.*  
La vespermanĝo de la kardinaloj, *lasta sceno, de Júlio Dantas, traduko de Jaime Grau Casas*  
Pilingvaj aferoj — O acusativo de direcção, *por Costa Júnior.*  
Iom pri ŝakludo, *de Manuel de Jesus Garcia.*  
Mia onklo frenezigiĝis! *de José Antunes.*  
Infanaro, *de Lígia de Oliveira.*  
Panorâmica, *por Afonso de Castro.*  
Os mortos do Esperanto — John Merchant, Robert Kreuz e Charles Richet.  
O 19.º aniversário da morte de Zamenhof,  *festa no pôsto C. T. I A. N. «Rádio-Sonora».*

## Serenidade da razão

POR COSTA JÚNIOR

Finalmente, intelectuais em Portugal deitaram fala sobre o Esperanto! Tal e qual como noutros países, apareceram detractores, e também cá como lá despertaram franca indignação no meio esperantista.

Até hoje, «Portugala Esperantisto» manteve-se estranho ao incidente. O assunto interessa certamente e, já agora, meto também a minha colherada no caso.

O Sr. Teixeira Gomes, escritor consagrado, autor de várias obras literárias de geral agrado, portanto sem necessidade de americanados reclames de sensação, fez publicar num diário vespertino da capital vários «pensamentos» — alguns inteiramente infelizes, valha a verdade. Num deles classificava o Esperanto de «pornografia da linguagem».

Levantou tanta e tam acesa discussão tal afirmação que... seria caso para mandarmos as amêndoas ao Sr. Teixeira Gomes — uma pequena lembrança pelo seu gratuito reclame ao Esperanto...

Respostas, ou antes, diatribes contra o autor do «eco» em questão lemos já em *O Diabo, Vida Social e Pensamento.*

Violentos artigos, em que as convictas afirmações de fé esperantista se misturam aos agrestes termos de indignação incontida — com o seu insultozinho à mistura, de vez em quando.

Acho que não há necessidade de que nos notem falta de aprumo moral, tanto mais que, felizmente para o Esperanto, a razão está do nosso lado.

A minha opinião é que o assunto poderia ser tratado doutra maneira, quiçá mais prática. Por exemplo: poder-se-ia adquirir, por subscrição pública, uma boa gramática de Esperanto, a qual seria enviada àquele ilustre escritor acompanhada dum officio no qual se pediria a S. Ex.ª que, a bem do seu próprio prestígio, ferido com a infeliz afirmação feita, dedicasse ao estudo do Esperanto *um quarto de hora por dia apenas durante um mês.*

O sacrificio de tempo exigido seria tam insignificante e a experiência tam concludente que me abalanço a crer que S. Ex.ª anuiria — e então, decorrido um mês, falaríamos...

Porque creio firmemente que S. Ex.ª não conhece nada do Esperanto; falou sobre elle *por ter ouvido falar* — o que, vamos lá, é imperdoável, principalmente num intellectual.

(Segue na página 22)

# Aos nossos leitores

## Primeiro concurso

Em virtude de o nosso número de Fevereiro ter saído da tipografia em meados de Março, decidimos prolongar o prazo para a recepção das traduções do texto «O Amor Menino» até 30 de Abril. Muitos esperantistas queixam-se de que o texto publicado é de muito difícil tradução, ficando, por isso, a grande maioria impossibilitada de concorrer.

De facto, o trabalho apresenta algumas dificuldades, mas estamos convencidos de que, com um pouco de boa vontade, muito poderão fazer.

No entanto, tomando em consideração as reclamações recebidas, tencionamos organizar para breve um novo concurso em que todos possam tomar parte. Gostaríamos porém de receber sugestões que nos indicassem duma maneira geral qual a preferência da maioria dos nossos leitores. De acôrdo com ela iniciariamos então o nosso segundo concurso.

Cá ficamos aguardando as vossas sugestões.

## Cobrança de assinaturas

Vamos fazer seguir pelo correio os recibos de assinatura para cobrança. Agradecemos penhorados a todos os *samideanoj* que gentilmente satisfizeram o nosso pedido remetendo-nos por vale do correio o valor das suas assinaturas.

Lembramos a todos os esperantistas e simpatizantes da nossa idea que «P. E.» só poderá manter-se com o seu auxílio, e por isso pedimos encarecidamente o obséquio de não entravarem a marcha de «P. E.» demorando ou recusando o pagamento dos recibos que lhes vamos remeter.

## A nossa tiragem

Do número primeiro restam-nos somente 20 assinaturas em melhor papel ao preço anual de 9\$00. Do número segundo tirámos mais cinquenta exemplares em papel vulgar, mas, mesmo assim, parece-nos que breve ficará esgotado. Vamos por

# PRILINGVAJ AFEROJ

## O ACUSATIVO DE DIRECÇÃO

POR COSTA JÚNIOR

O acusativo de direcção, afinal de contas, não tem nada de transcendente. Querendo dar uma explicação curta e clara, poder-se-ia dizer que o acusativo de direcção consiste apenas na supressão duma preposição. Assim mesmo: supressão de preposição...

O acusativo de direcção só se usa, logicamente, com preposições de lugar. as quais, como se sabe, são as seguintes:

antaŭ	en	sub
apud	inter	super
ĉe	kontraŭ	sur
ĉirkaŭ	post	tra
ekster	preter	trans

Estas preposições não contém sentido de direcção, ao contrário de *al* e *ĝis*, que são preposições de movimento; são, pois, preposições «paradas». Daí a necessidade de lhes acrescentar o sentido de movimento, o qual, não podendo ser dado por uma outra preposição, tem de ser significado somente por intermédio do acusativo.

Vejamos alguns exemplos.

Em português dizemos: *corremos debaixo da árvore* e *corremos para debaixo da árvore*.

Traduziremos a primeira frase por *ni kuras sub la arbo*. Neste caso o movimento, a corrida, executa-se só debaixo da árvore, não há, pois, corrida para a árvore.

O sentido da segunda frase cabal significação assim: *ni kuras al sub la arbo*, e, suprimindo a preposição *al*, ficará *ni kuras sub la arbon*. A acção aqui executa-se na direcção da árvore e debaixo dela ou não, para cuja significação nos socorremos em português das preposições *para debaixo de*.

Este exemplo serve perfeitamente como

essa razão aumentar neste número a tiragem para 1:400 exemplares.

Este facto prova eloquentemente que o Esperanto na nossa terra não é, como muita gente julga, uma hipótese. A propósito: pedimos a todos os nossos leitores que não colecionem o jornal o favor de nos remeterem o número um a fim de podermos satisfazer os insistentes pedidos dos esperantistas que não chegaram a tempo de o poderem receber.

padrão para o uso do acusativo de direcção, porque o caso é, em geral, semelhante.

Vejam-se, para maior elucidação, os seguintes exemplos:

*La hirundo flugis trans la riveron, ĉar trans la rivero sin trovis aliaj hirundoj.*

*Li ŝetis ŝtonon super la muron, sed li ne havis sufiĉe da forto kaj la ŝtono falis sur la muron.*

*Mi promenas en la placon.*

*Morgaŭ mi petos permeson veni antaŭ viajn reĝajn okulojn.*

*Furioze li ŝetis la plumingon tra la fenestron.*

Enquanto que a diferença em certas orações com e sem acusativo de direcção é sensível—as frases *mi promenas en la placo* e *mi promenas en la placon* são nitidamente diferentes, como se sabe—, noutras é ínfima, como no último exemplo atrás citado: *tra la fenestron*. Não seria até erro se em vez do acusativo usássemos o nominativo, e, dizendo *tra la fenestro*, se entenderia o mesmo que com o acusativo, por a diferença ser assaz insignificante, como se disse.

Mas nas frases *ili iris tra la urbo* e *ili iris tra la urbon* a diferença é já grande, pois a primeira frase mostra o movimento através da cidade sem o fim de a abandonar, enquanto que *ili iris tra la urbon* mostra que, atravessando a cidade, se teve em vista sair dela.

Na frase *sidiĝi sur benko* pode-se usar igualmente o nominativo ou o acusativo, conforme se quiser mostrar o movimento ou o começo do novo estado.

Como resultante desta teoria encontramos em *La Feino* (Zamenhof) a seguinte frase: *La malfeliĉa infano forkuris kaj kaŝis sin en la plej proksima arbaro*, em que a ausência do acusativo de direcção quer mostrar apenas o resultado do movimento e não a execução do próprio movimento. Isto dá-se com verbos no pretérito, quasi sempre.

Em idênticas circunstâncias temos: *Mi ne pendigis mian ĉapon sur tiu ĉi arbeto; sed la vento forblovis de mia kapo la ĉapon, kaj ĝi,flugante, pendigis sur la branĉoj* (Zamenhof).

Porém, na seguinte frase notamos a existência do acusativo, pois que se pretende chamar a atenção para a execução do movimento: *mi disŝiris la leteron kaj disŝetis ĝiajn pecetojn en ĉiujn angulojn de la ĉambro*

# PANORÂMICA

POR AFONSO DE CASTRO

Pode-se também dizer *oni metis antaŭ mi manĝilaron*, em vez de *antaŭ min*, porque aqui se pode subentender uma parte omitida: *oni metis antaŭ mi sur la tablon manĝilaron*.

Porém, como o nominativo é sempre mais fácil de usar do que o acusativo, aconselhou Zamenhof que se use, em casos duvidosos, o nominativo, com a certeza de não fazer erro. E só em casos em que o sentido de direcção tenha de se vincar por preposição ser insuficiente é que se deve usar o acusativo.

Isto, é claro, nos casos duvidosos. Nos exemplos apontados a ausência do acusativo de direcção constitue já erro.

## RESPONDEJO

### “KONTRAŬ” E “ANTI”

Qual a forma correcta como devo traduzir para Esperanto o prefixo português *anti*, que indica opposição? Por exemplo, devo dizer *antireligia* ou *kontraŭreligia*? — C. A. L. (Lisboa).

O prefixo *anti* não é esperanta e embora já tenhamos lido por vezes em algumas publicações *antireligia*, *antirevolucia*, *antikohola*, etc., achamos que o seu uso não é aconselhável. A preposição *kontraŭ* exprime precisamente a mesma ideia e não vemos, portanto, necessidade de introduzir no Esperanto um prefixo absolutamente supérfluo, o qual viria de certo modo diminuir a facilidade de aprendizagem da nossa harmoniosa língua. *Kontraŭreligia*, *kontraŭrevolucia* e *kontraŭkohola* dão-nos exactamente a mesma ideia, não precisando pois de se recorrer a um elemento estranho — o pretendido novo prefixo *anti*.

Talvez que a existência de palavras começadas por esse elemento de proveniência grega, tais como *antídoto*, *antínomio*, *antipatio*, *antipodo*, *antipseps*, etc., seja a causa de se julgar que se trata de prefixo esperanta e daí aplicar-se, erradamente, a várias raízes.

Há conveniência em que todos os que se dedicam ao Esperanto o considerem exactamente como se considera uma qualquer língua viva, o francês, o inglês, o espanhol, etc. Ao começar a usar uma destas línguas ninguém, por certo, pensa em lhe ir introduzir elementos estranhos, novos afixos ou raízes, com o pretexto do seu uso mais ou menos internacional; há que se contentar com o que está feito, usando apenas o que se usa na língua em questão.

Pois em relação ao Esperanto deve suceder precisamente a mesma cousa, e

De uma ligeira observação sobre o que tem sido o movimento esperantista nos últimos quatro anos aquem fronteiras, uma conclusão se tira: que o seu desenvolvimento — malgraŭ ĉio e bem contra a vontade de inúmeras pessoas — é uma realidade incontestável.

Contra o Esperanto ergueram já clamores algumas figuras pretensamente representativas das nossas *élites* intelectuais; a seu favor pronunciaram-se já grandes valores do pensamento e das letras. A gente nova, em geral, dedica-lhe o seu entusiasmo. Esta é, no momento presente, a realidade do nosso país ante o problema do Esperanto, o que é, sem dúvida, duma grande vantagem para provar da sua veracidade como instrumento de novos anseios e de novas inquietações, de novas certezas e de novas conquistas.

Resta agora que a nossa tática seja eficiente. Para isso basta que nos não importemos com os ataques das pessoas de verbosidade académica e consagrações decrépitas, pois que, se tal fazem, é porque tiveram já a consciência do que vale a criação de Zamenhof — da sua potencialidade vivificadora, do seu inabalável poder de evolução.

Lembremo-nos que o Esperanto é a juventude e que a juventude representa o futuro que é a vida ao ar livre, a harmonia, a renovação permanente das concepções envelhecidas. Não percamos sequer tempo com aqueles que mal souberam acompanhar a rotação aceleradora da época, e confiantes na vitória suprema saibamos continuar sem um desfalecimento o trabalho que há uma temporada se vem desenvol-

vendo com um entusiasmo crescente por vezes áspero mas sempre profícuo — admiravelmente fecundo.

Saibamos querer para sabermos realizar, até integrarmos por completo a pequena família portuguesa na grande família humana, pela cultura, pela elevação, pelo amor.

Saibamos desenvolver, como esperantistas, com sentimento eterno de fraternidade, de mútua compreensão e de mútuo desenvolvimento, cuja demonstração mais representativa deverá exprimir-se pela realização anual de acampamentos esperantistas de todo o Portugal — este pedaço de flores e de poetas admiráveis, país de tradições francamente honrosas, também de feitos sublimes, gloriosamente eternos e benditos, por séculos e séculos sem fim.

Demonstremos o que é o desenvolvimento do Esperanto em Portugal pelo número dos seus adeptos, acorrendo em massa ao «Primeiro Acampamento de Esperantistas Portugueses», que terá realização no centro do país, no próximo verão.

Que não falte o único esperantista ao «Unua Portugala Esperantista Libertempejo» garantindo com a sua presença a continuidade da acção desenvolvida em prol da colectividade rejuvenescida, que é o mesmo que dizer em prol da metamorfose de civilizações do nosso tempo e da nossa mentalidade moderna.

Daremos assim ao mundo a prova eloquente de que o Esperanto marcha.

Todas as pessoas que desejem informações devem dirigir-se à Comissão Organizadora do 1.º P. E. L. — Apartado 19, Porto, ou à redacção deste jornal.

só em casos em que a necessidade de qualquer nova forma se torne imperiosa é que se deve experimentar o seu uso. Porém quando, como no caso do *anti*, já existe um elemento susceptível de nos dar a exacta expressão do pensamento, é de todo o ponto útil e aconselhável que nos limitemos a usar o que já está suficientemente experimentado. Este é o segredo do nosso incessante progresso.

COSTA JÚNIOR.

## Excursões

A L. E. S. «Nova Vojo», de colaboração com a L. E. S. «Antaŭen», organiza a 31 de Maio e a 12 de Julho excursões de confraternização esperantista, sendo a primeira a Setúbal passando por Palmela e a segunda a Belas. A inscrição para estas excursões mantém-se ainda aberta na sede das duas sociedades referidas.

# LA VESPERMANĜO DE LA KARDINALOJ

(A CEIA DOS CARDEAIS)

Unuakta teatraĵo—Lasta sceno

(Peça em um acto—Última cena)

DE JÚLIO DANTAS

En Romo, ĉe la Vatikano; XVIII-a jarcento.

Kardinalo de Montmorency, franco; Kardinalo Rufo, hispano;  
Kardinalo Gonzaga, portugalo.

*Kardinalo de Montmorency*

Vi diru, Eminenco!

*Kardinalo Rufo*

Respondu, Kardinal!

*Kardinalo Gonzaga*

Nu, ke estas alia la am' ĉe portugal'!  
Ĝi—nek frazo subtila, nek kuraĝa duel'...  
Ĝi estas kora amo, la nia! korfidel'!...  
Ia larm'... Ia kiso... Gojanta sonoril'...  
Li kaj ŝi al la templo irantaj kun trankvil'...  
Tre simple... Ia amo, kiu rozojn ekfloras...  
kiu, malgaja, kantas... kaj, en la ĝojo, ploras!  
La amo-naiveco, la amo ideala!...  
Kiom ami vi scias, bona gent' portugala!  
Plekti kison sunbrilan, kaj jam de l' infanec'  
per ĝi kunigi amon kun ĝoja amikec',  
en ĉasta amfervoro, en paca korinklino,  
ne distingante inter fratin' aŭ fianĉino...  
Ia ama mistero kunfandanta ja ĉion,  
de l'floroj disdonanta la belan harmonion,  
kvazaŭ ĉies amsentoj estus nur unu am'...  
Inter la amoj niaj estas granda malsam'!

*Kardinalo Rufo*

Vi amis, Eminenco?

*Kardinalo Gonzaga*

Jes, amon sentis mi!

Ĉe mi certe neniu povas vivi sen ĝi,  
ne sentante ĉe l' koro—vivantan kvazaŭ flor'—  
benatan nostalgion je rido kaj je plor'!—  
Mi ankaŭ amis!—Tiam dek-kvin jarojn mi havis.  
Ŝi dek-tri. Ia amo de infanoj nin ravis  
kvazaŭ nubo helplena de aŭrora karmin'...  
Ŝi frate min amadis per amo de kuzin'.  
Mi ne scias ĉu estis ŝi bela aŭ nebela...  
sed kia dolĉesprimo kaj rigardo lumhela!

Ridante mi ŝin vokis por mia virineto...  
Tiel dolĉe ludadis kun mi l' amikineto!...  
Konatoj kaj gepatroj diris ĉiam sen fin':  
—«Por nia fil' ne estas pli bona fianĉin',  
nek estas ĉe l' vilaĝo knabin' pli simpatia!»  
Kaj, vidante ŝin bela, mi ŝin imagis mia!  
Tre ofte, laciĝintaj de ludo kaj petol',  
ni restis rigardantaj nin kun muta parol',  
tutkovrataj de suno, kvietaj nur pro laco!  
Ŝin, tiel belan, vokis al si la Dia paco...  
kaj iun nokton nigran, malluman, mortis ŝi...  
Kial vi, mia Dio, forprenis ŝin de mi?  
Kial? kial, ho Dio?

*Kardinalo de Montmorency*

Eminenco!

*Kardinalo Rufo*

Sinjoro!

*Kardinalo Gonzaga*

Kial vi ne kompatis al mia juna koro?

*Kardinalo Rufo*

Eminenco!

*Kardinalo Gonzaga*

Vi certe ne vidis ke mi mortos!

Ke nenio konsolon al mi iam alportos!

Mi mortas...

*Kardinalo de Montmorency*

Eminenco...

*Kardinalo Gonzaga*

Vi scias pri l' fatal'!

nur ŝi, l' anĝel' mortinta, min faris Kardinal'!

Kaj nun mi servas Dion vokintan ŝin al si...

*Kardinalo Rufo*

(Al Kardinalo de Montmorency, forviŝante larmon, dum sonoras dek-unu horoj en la Vatikano.)

El ni tri, la unika aminto estas li!

El «Iberia Esperantista Revuo».

Trad. JAUME GRAU CASAS.

## IOM PRI ŜAKLUDO

(Sekvo de paĝo 24-a)

La nuntempa ĉampiono naskiĝis en Amsterdamo, estas 34-jaraĝa kaj doktoro pri fizikaj kaj matematikaj sciencoj.

Antaŭ ol fini mian artikolon pri ŝako kaj transdoni al alia k-do pli kompetenta la taskon paroli al vi pri la teorio de la ludo, mi volas diri ion pri la personoj

famaj aŭ kleraj kiuj sin interesis pri la ŝakludado.

Inter aliaj mi nur diras la sekvantajn nomojn: la reĝo Karlo Magno, la imperiestro Tamerlano, la reĝoj svedaj Gustavo Adolfo kaj Karlo la XII-a, Voltaire, Jean Jacques Rousseau, Leibnitz, S-rino Sevigné, Napoleono la I-a.

Nuntempe en multaj landoj estas ŝa-

koklubo kaj multaj gazetoj pri la ludo estas eldonataj. En Lisbono estas ŝakoklubo kiu sidas ĉe la Geografia Societo de Lisbono.

Baldaŭ en «Nova Vojo» okazos la unua konkurso, kaj ŝajnas al mi pro la kvanto de leteroj ricevitaj de esperantistoj ke baldaŭ la ŝakludo estos la ĉefa tempopasigilo en niaj rondoj. Pro tio «P. E.» rezervos anglon por la ŝakaferoj.

## OS MORTOS DO ESPERANTO

## John Merchant

Com 63 anos faleceu no dia 9 de Janeiro, em Sheffield, o samideano John Merchant.

Durante 14 anos foi presidente da Sheffield Esperanta Societo e em 1921 presidente da Esperantista Federacio de Yorkshire. De 1928 a 1933 presidiu aos trabalhos da Internacia Centra Komitato de la Esperanta Movado.

Colaborou em vários jornais esperantistas, no *The Sheffield Telegraph* e no *The Sheffield Weekly Telegraph*. Escreveu duas novelas intituladas: *Tri angloj alilande*, que atingiu algumas edições, e *Kompatinda Klem*.

Em 1923 colaborou com samideano L. Briggs na obra *Jozefo Rhodes kaj la fruaj tagoj de Esperanto en Anglujo*.

Trabalhará incansável e fervoroso, deixa pois uma vasta obra de propaganda, quer através dos seus escritos, quer pelo esforço que dispendeu durante muitos anos nas organizações esperantistas.

## Robert Kreuz

O movimento esperantista internacional acaba de perder na pessoa de Robert Kreuz, falecido em Genebra poucas semanas depois de Merchant, um dos seus maiores vultos.

Tendo nascido em 1894, tornou-se esperantista as 14 anos e desde então dedicou-se fervorosamente à propaganda do idioma internacional.

Foi amigo íntimo de L. L. Zamenhof e escreveu inúmeras obras didáticas de Esperanto. Durante algum tempo pertenceu à redacção do *Esperanto Triumfonta* (hoje *Heroldo de Esperanto*) e de 1925 a 1950 ocupou o lugar de secretário geral da Internacia Centra Komitato, tendo depois passado a director. Fez parte da Lingva Komitato e secretariou todos os congressos da U. E. A. desde 1909 e era actualmente presidente desta associação.

Devido aos seus esforços algumas feiras internacionais adoptaram o Esperanto na sua propaganda.

Eis pois um nome que deve ficar na memória dos esperantistas como preito de homenagem a quem tam devotadamente se dedicou à propaganda do Esperanto.

## Charles Richet

Também faleceu há pouco tempo, com a idade de 85 anos, este conhecido homem de ciência, que devido aos seus numerosos trabalhos de investigação, quer como so-

## O que seria a I. K.

POR MÁRIO PEDROSO DE LIMA

Do que segue não se deve inferir que tenho a pretensão de estabelecer as bases a que obedecerá o funcionamento da Internilata Komitato, pois não passa de leves considerações sôbre o assunto, considerações que, sim, poderão servir para trabalho futuro, apesar de não constituírem novidade.

O que é necessário, antes do mais, é esclarecer os esperantistas sôbre a organização e funcionamento de tal organismo, para que não possam ver nêle qualquer alienação da soberania das respectivas colectividades ou coisa semelhante.

Para a constituição da I. K. a marcha a seguir seria a de nomear um delegado por cada sociedade esperantista ou um delegado por cada determinada quantidade de esperantistas; isto é, representação corporativa ou representação proporcional. Claro que o segundo caso é o mais aconselhável, por ser o mais racional e equitativo, mas também deve ser o mais difícil de conseguir em virtude da opposição que, certamente, os grupos mais pequenos lhe fariam. E, assim, ficar-nos-ia a primeira solução! Um representante por cada sociedade esperantista, podendo neste caso fixar-se um limite mínimo de associados por cada grupo representado; quanto aos outros, se os houvesse, unir-se-iam até perfazer o número requerido, devendo para esse efeito abrir-se o respectivo parágrafo.

No primeiro caso, sem dúvida o mais viável, cada sociedade nomearia um delegado; no segundo, que não é o mais viável mas é o mais perfeito, cada sociedade poderia nomear um delegado por cada grupo de  $x$  sócios que tivesse. Esclareçamos!

Este último caso não teria ano-

ciólogo e historiador, quer como fisiólogo, se notabilizou e obteve em 1913 o prémio Nobel. Como cientista e idealista amou sempre as belas concepções do ideal humano. Não raras vezes encontramos espalhados em jornais esperantistas brilhantes referências ao Esperanto subscritas por este ilustre sábio.

malias como esta que passamos a expor: Suponhamos que há três sociedades esperantistas que têm, uma trinta sócios, outra quarenta e outra setenta.

Portanto: **3 sociedades — 140 sócios — 3 delegados.**

Há outra que tem 250 sócios e nomeia um delegado. Temos, pois: **1 sociedade — 250 sócios — 1 delegado.**

Vê-se, portanto, por uma simples apreciação, que haveria 140 esperantistas representados por 3 delegados ao mesmo tempo que os 250 teriam a representá-los sômente um...

Havendo, pois, em Portugal (ou em Lisboa, se o caso se applicasse à capital)  $x$  sociedades esperantistas, representadas por um número de delegados a determinar, estes nomeariam uma espécie de comissão executiva (cujo mandato, também a determinar, poderia ser de um ano), a qual seria a «Internilata Komitato».

Quais seriam as funções e atribuições dessa comissão? Tentemos enumerá-las:

— Unificar e aperfeiçoar os métodos de ensino;

— Preparar os quadros de instrutores, *os quais poderiam servir em qualquer sociedade*;

— Centralizar e desenvolver os serviços de propaganda;

— Relacionar as sociedades esperantistas nacionais entre si ou com as estrangeiras e os esperantistas isolados;

— Organizar passeios, excursões, visitas de estudo, palestras e cursos literários;

— Manter correspondência com os organismos centrais estrangeiros, perante os quais deveria representar o movimento esperantista português (no caso de se tratar da organização de todo o país) ou o de Lisboa.

Fundos? Segundo o critério que se adoptasse, seriam fornecidos pelas sociedades esperantistas proporcionalmente ao seu número de associados ou em partes iguais, e até por esta razão seria aconselhável o sistema proporcional.

(Segue na página 22)

# O 19.º aniversário da morte de Zamenhof

Os nossos samideanos Alvaro de Azevedo Couto, Severo Portela, Cortês dos Santos, João Bernardino e Abílio Cortês dos Santos promovem a 19 de Abril uma grandiosa festa, comemorando a passagem do 19.º aniversário da morte da imortal figura de Ludoviko Lázaró Zamenhof no C. T. I. A. N. «Rádio Sonora» de Lisboa, gentilmente cedido pelo seu ilustre proprietário, Sr. Lacombe Neves. Estes nossos camaradas têm já elaborado o programa da festa que é selecto e consequentemente promotor. Vamos dar na íntegra a sua constituição:

- a) La Espero, entoado por um orfeão coadjuvado pelo «Jazz Setas Vermelhas».
- b) A obra de Zamenhof, por Alvaro de Azevedo Couto;
- c) Soneto de Antero, tradução de Irundo Barros, por João Bernardino;
- d) Trechos musicais de canções esperantistas;
- e) O momento esperantista, por Cortês dos Santos;

- f) Samideana trinkkanto, pelo orfeão;
- g) La kavaliroj de la verda stelo, por Adolfo Trémouille;
- h) Rapsódia polaca, ao piano, pelo Dr. Salema de Andrade;
- i) Uma lição de esperanto, por Adolfo Trémouille e Mário Pessoa;
- j) Nia kanto, solo de mandola com acompanhamento de piano;
- k) Oh! mia kor', de Zamenhof, por Luiz Teodoro;
- l) Algumas palavras em esperanto, por Manuel de Jesus Garcia;
- m) Odo al la paco, de Joaquim Cases Garbó, recitado por C. S.
- n) Zamenhof e a Paz, prosa ritmada pelo Dr. Severo Portela, música de Volgaj Barktirstoj, interpretada em violino por Manuel Varela.

Chamamos a atenção de todos os nossos samideanos para esta festa esperantista a efectuar às 22 horas do dia 19 na «Rádio Sonora», espectáculo único que decerto a todos surpreenderá.

## Selos de propaganda

Impressos a verde, gomados e plicotados

Cada folha de 30 selos \$60



Em encomendas de 10 ou mais folhas, 20 por cento de desconto

Pedidos acompanhados da importância e mais \$15 a

**António Ramalho**

Rua da Sociedade Farmacéutica, 25, cave, esq.  
**LISBOA**

A Administração do «P. E.» remete à cobrança o Curso Primário de Esperanto de Adolfo Trémouille — Esc. 3\$50, e o Dicionário português-esperanto Esc. 40\$00

## INFANARO

DE LIGIA DE OLIVEIRA

Infanaro, vorto tre profunda kaj grava! Dirante ĝin laŭte, ĝi ŝajnas al mi granda maro kaj varma suno kiu varmigas mondon.

Dirante ĝin mallaŭte, tuj mi vidas centojn da okuloj, kiuj demandas ĉiam, gaje aŭ dolore, pri la vivo.

Ankaŭ mi ekvidas rozajn buŝetojn pentantajn ĉion kaj ĉion dezirantajn.

Baldaŭ tiuj-ĉi buŝetoj parolos kaj la okuloj observos.

Ĉu ili bone parolos, bone observos?

Tio dependas de la heredeco, medio kaj speciale de la edukado.

Eduki bone kaj semi metode, estas la vojoj per kiuj ni povos, klare kaj logike, perfektigi la homan konsciencon. Tiel ni povos sanigi, korpe kaj spirite, la infanaron kaj helpi la progresan marŝadon de la Homaro!

La edukado de la infanaro ĉe la esperanta movado estas tre utila, ĉar Esperanto donas al infanoj la harmonion kiun ili necesas enhavi por esti pli bone edukitaj.

Poste estos konsole ĉeesti trankvile ĉe la ĝermiga ekkonsciigo de la nova generacio.

Malrapide kaj vere ni marŝos antaŭen per la edukado, por atingi nian justan celon, ĉar: «eĝ guto malgranda, konstante frapante, traboras la monton granitan».

## O que seria a I. K.

(Continuado da página 22)

Lançada a idea no segundo número do «P. E.», suponho que ficou suficientemente esclarecida nesta exposição.

Porém, qualquer dúvida que possa haver ou qualquer esclarecimento que se torne necessário dar,

serão resolvidas e dados com a melhor vontade.

Fica, agora, entregue às sociedades esperantistas e ao seu jornal a consecução de tam bela obra, perante a qual ninguém, dentro da família esperantista, tem o direito — na minha opinião — de levantar o obstáculo da sua discordância ou, sequer, da sua indiferença.

## SERENIDADE DA RAZÃO

(Continuado da página 17)

Mas não afirmou há anos atrás Ferreira de Castro, num artigo de fundo de *O Século*, que o Esperanto «se baseava sobretudo no italiano?!»

Mesmo nos grandes espíritos há destas falhas, que nós, míseros e rasteiros viventes, não devemos criticar com severidade.

Sob pena de tombarmos no mais lastimável ridículo...

A nossa tolerância ante adversários do Esperanto, por mais mal intencionados que eles sejam — e não é destes o caso de que acabo de tratar levemente —, não é parvo espírito de sacrifício; basta que nos lembremos que mais acerbas críticas e mais envenenados epigramas foram dirigidos a Zamenhof, o homem que legou à humanidade essa obra prima: o Esperanto. E só devido à sua tolerância ilimitada e à sua comprovada persistência devemos o possuí-la.

Sejamos, como ele, persistentes na nossa propaganda; mas imitemo-lo, também, na tolerância demonstrada. Com tal procedimento a nossa causa nada perderá, bem pelo contrário.

# MIA ONKLO FRENEZIĜIS!

(Senintenca rakonteto)

DE JOSÉ ANTUNES

Kiam mia avo formortis—vigla okdek-aĝulo, ĉiam kuranta post glaso da bona vino kaj ankoraŭ okulsignanta al belaj virinoj—lia butikoj por la vendado de tranĉiloj kaj aliaj ŝtalaj tranĉaj kaj traboraj objektoj kaj la apuda uzino por akrigo kaj riparigo de tiuj timigaj komercaĵoj evidente prosperis.

En la tuta urbo neniu alia komercisto sukcesis en tia fako: la butikoj de Paŭlo la maljunulo—kiel oni konis lin—estis fama, eble pro sia antikveco. Jam la avoj de l'hodiaŭa klientaro tie aĉetis la tranĉiletojn per kiuj ili, en lernejoj, akiris la kraĵonon, kiam la profesoro anoncis, ke li estas diktanta skribadon... Estis tute simile, kiel en Portugalio, koncerne la karbovendistojn: aŭ ili estas el Galizio (hispana provinco) aŭ la komerco bankrotas. En X... estis do same: nur Paŭlon la maljunan oni konsentas, kiel akriĝiston!

Pro tio ne estas miriga fakto, ke la enterigo aspektis nacia funebro: la tuta urbanaro tien alkuris, dece vestita, la plimulto kun nigraj vestoj kaj funebra mieno.

La buĉistoj multnombre ĉeestis kun siaj larĝaj vizagoj, sangoplenaj, ruĝegaj, preskaŭ eksplodontaj kaj—de poŝo al poŝo de iliaj veŝtoj—oraj ĉenoj de kiuj pendas ora boveto ĉizita. Grandnombre, ankaŭ la servistinoj akompanis la mortajn restaĵojn: tiu Paŭlo la maljuna faciligis ilian taskon kaj dank'al li oni tranĉis pli rapide, ĉu la gorgon de kokino kurota, ĉu la lignon por la fajrejo. Knaboj kuriozaj, virinoj senlaboraj, viroj kaptantaj per la haroj pretekston por ne labori duontagon, multaj kamaradoj de l'glasoj, vinamantoj,—ĉiuj postiris la riĉan kverklignan ĉerkon, ĉiuj silente marŝadis.

Iom apartiĝinte, aro da suspektaj vizagoj, ŝanceliĝemaj korpoj, videble majordemaj individuoj—cigaredo post la orelo, manoj ĝisfunde en la poŝoj, kraĉantaj tral'angulo de la buŝo kaj okulangle rigardantaj—, estis respektinda nombro da malrespektindaj individuoj. Tie estis de la famkonata mortigisto ĝis la ridinda malordemulo, kiu pro io ajn—eĉ por sin defendi de pulo—, elpoŝigas la tranĉilon tiel rapide, kiel alilandaj viroj sin preparas por pugnbatalo. Tiu danĝera klaso estis akurata kliento de Paŭlo la maljunulo: ĝi pagis tiumomente dankecan ŝuldon tiel honeste, kiel ĝi pagis ĉiujn menditaj komercaĵoj de l'plorata komercisto. Oni eĉ murmuris en la urbo, ke Paŭlo la maljunulo kapricis liveri la plej bonajn tranĉi-

lojn el Toleda ŝtalo al tiu ofta kaj profitdona klientaro. Ĉu vere aŭ ne—Paŭlo prosperis.

Tiel mia avo dolĉiĝis per heredo enviinda la larmojn de mia onklo Arturo

\*

Mia onklo jam estis plenaĝulo, tamen—tute kontraŭe al patro—anemia, pala, malforta viro kaj, certe pro la malriĉeco de l' sangaj globetoj—songema, kapricema kaj tre malema al ĉio kio postulis penon... Li restis do konfuzigita, kiam oni lin komunikis, ke ĉio apartenas al li: la butikoj, la maŝinoj de l'uzino, la enhavo de l' hejmo kaj la mondeponoj ĉe la Banko! Sed li agis kiel dormemulo, kiun oni vekigas por lin diri sensaciaĵon: li malfermis la okulojn dum oni alparolis lin; poste, rapidmove, turnis sin kaj daŭrigis dormi—tiuokaze revii.

La komerca maŝino estis delonge muntita kaj pro tio ĉiuj siaj partoj funkciis senskue, feliĉe.—Arturo do okupis sin per la rikolto de la mono enkasigita kaj la pago de salajroj kaj bezonataj materialoj. Tamen tiu teda unutoneco ne povus daŭri eterne. Unue, ĉar la vivo konstante alportas novaĵojn, kiuj demandas nian atenton; alie, ĉar mia onklo Arturo ne kapablis vivi sen, per enuiga ordono, haltigi la regulecon de l'maŝino, kiun li subite heredis.

Alvenis la tago, kiam mia onklo imagis aliformigon de sia komerca vivo. Arturo aspektis momente viro: li forsendis laboristojn, aktivigis la ricevon de forgesitaj malnovaj fakturoj kaj pentrigis la tutan butikon, kies eksteran kaj internan aspekton li pretendis ŝanĝi. Post tia ega peno, li decidis ripozi. Sed vane.

La novaj dungitoj ne sciis labori; la klientoj minacis ne pagi la fakturojn, kutimitaj pagi laŭvole; por la pentrado estis necese akiri permeson de komunuma oficejo kaj ĝin demandi per petoskribo sur sigelita papero, sursigni sur 2\$50 centava sigelo kaj certigi la subskribon per notaria atesto. Krom tio, estis necese opinii pri la aplikotaj kolorigiloj, pri la ordigo nova de l'ekspoziciitaj komercaĵoj—unuvoite, li estis devigata esti akurate en la butikoj, estri vole nevole sian komercon.

La unuajn tagojn la tasko ŝajnis agrabla. Mia onklo agis tiam orde, korekte, saĝe. Sed, rapide li laciĝis: li ne estis homo kapabla repeti senĉese ĉiujn tagojn

la samajn agojn kun la sama agrabla mieno, tiel necesa por altiri la klientaron.

Jam la klientoj ekmurmuris. La laboristoj siavice perdis la amon al la mastro: ĉiuj laboroj estis difektaj kun miro de l'malnovaj klientoj. Venis plendoj, oni forsendis laboristojn, oni dungis pli malbonajn. Eĉ kliento rakontis al mia onklo, ambaŭ furiozaj, ke kiam li mantenis tranĉileton por puni malamikon, al kiu li promesis pagon de liaj ŝercoj—la klingo falis subite kaj li estis honte devigita forkuri.

Katastrofo!

Super ĉio, la krizo fariĝis la plej akurata kliento: tie ĝi akiris siajn abomenajn ungegojn, kiujn ĝi, kun prefero neflata, uzis por dispecigi la profitojn de mia terurigita onklo.

Oni publikigis anoncojn sur la ĵurnaloj, vane—ĉar la butikoj estis tre konata. Oni malhaltigis la prezojn, rapidigante la bankroton, ĉar la nombro da klientoj, malgraŭ ĉio, malpliigis. Oni uzis fine ĉiujn konatajn rimedojn por haltigi la marŝon al ruinigo. Sed—ĉio vana!

Sed mia onklo, subite agema, ne cedis: li persiste kontraŭstaris la malfeliĉon. Li vizitis persone la plej gravajn klientojn—kaj per tio li enuigis tiujn klientojn. Surstrate, li montris al pasantoj siajn tranĉilojn, hakilojn kaj ĉiuspecajn pikilojn, ĝojigante la knabaron, kiu jam persekutis lin. Lastatempe li kunportis benkon kaj, en stratoj kaj placoj plej populigitaj, li suprenstaris sur ĝi kaj per laŭtaj krioj alvokis la atenton de ĉiuj pri kvalito kaj prezoj de l'artikloj de sia butikoj.

—Ĉu Arturo malsaĝiĝis?

Jen la demando ĝenerala. Kelkaj plendoj trafis l'aŭtoritatojn. La policistaro ekrigardis la aferon kaj eksekvis la paŝojn de mia bedaŭrinda onklo.

Unu tagon, mia onklo estis arestita. Li surgluis sur la murojn eksterajn de la butikoj larĝan afiŝon. Sur ĝi estis skribite per grandaj literoj:

*«Preferu miajn komercaĵojn! La plej bonaj! La nuraj sukcesaj! Tion atestas la krimo de Georgo, kiu sukcesis elkapigi per tranĉilego—aĉetita en mia butikoj!—tri personojn: nutristino vere grasa, juĝisto malgrasa sed dikhaŭta kaj policisto nerazita!»*

En la malsanulejo li okupiĝas tutan tagon akriĝi imagan glavon...

Grande excursão de propaganda e turismo a Leiria com o itinerário seguinte:

Lisboa - Bombarral - Obidos - Caldas da Rainha - Alcobaça - Batalha - Leiria - Nazaré - S. Martinho do Porto. — Almôço em Leiria — Jantar nas Caldas.

13 de Setembro — Organizada pela L. E. S. «Nova Vojo». Inscrição aberta.

# ★ Portugala Esperantisto

Monata organo de la portugala esperantista movado

## Direktoro

MANUEL DE JESUS GARCIA

## Redakcio k. Administracio

RUA JARDIM DO REGEDOR  
5, 4.º - LISBONO / PORTUGALIO

## Jarabono

FRANCAJ FRANKOJ, 7

Oni sendu monon per respondkuponoj  
aŭ postmandato

## UNUIĜI POR VENKI

DE MANUEL DE JESUS GARCIA

Analizante la vivon esperantistan en nia lando, mi rimarkas fortan emon al disigo, kiu sin enradikigis de antaŭ multaj jaroj en nia movado. Aliaj tendencoj kiel apatio kaj individuismo ĉeestas en esp-rondoj por plinigrigi la bildon de nia movado, kun mi havas antaŭ miaj okuloj.

Ne estas mia deziro kritiki la nunajn gvidantojn, kiuj sindoneme laboregis kaj elkore subtenas la aktualajn esp-societojn. Tute ne! Mi ne ŝatas la rolon de kritikisto, kiu preskaŭ ĉiam juĝas aferojn tute ne konatajn de si. Kritiki estas kelkfoje eleganta maniero detruji per vortoj aliesagadon kaj beligi per pavona plumaro. Tion mi ne celas.

La laborado de miaj kunagantoj indas mian admiron kaj estas por mi netuŝebla. Sed super tiu-ĉi primitiva morala devo ŝvebas alia pli altcela nepre necesa al plibonigo de niaj metodoj, al renovigo de niaj ideoj, unuvorte al perfekteco de nia maŝinaro.

Ĝi estas la nuda kvankam kruela elmontro de tiaj inklinoj, kiuj sisteme puŝas nian movadon al kaoso kaj al ruino. Do, ĉiesan devon mi plenumas. Sed duone mi lasus mian taskon se mi montrus nur la makulojn forgesante la rimedojn, se mi detruus, nenion konstruante.

Pro tio, kontraŭ ĉiu malsano mi proponos kuracilon. Tasko malfacila, kiu altiros sur min pli da malamikoj, ol da amikoj. Tamen ju pli mi surpaŝas la vojon esperantistan des pli mi kredas je la devo lukti kontraŭ ĉiuj bariloj kiuj staras antaŭ la movado kaj malhelpas ĝian marŝadon. Same ĉiuj esperantistoj sentas preskaŭ instinkte kiam okazas io, kiu flanke aŭ fronte atakas la movadon. Al ĉi lastaj mi petas atenton kaj al plej kuraĝaj el ili mi nur konsilas: konstati kaj agu konsekvence!

Kial la disigemo en la portugala esperantista tendaro?

Ĉar en niaj rondoj ni agas same kiel katoj. Ni amas pli la sidejon de esp-societo ol la ideon esperantistan. Pro tio unuiĝo de la movado estas en tiu momento nebla. Kaj unuiĝo rekte rilatas al plifortiĝo!

Ĉar niaj propraj vidpunktoj ŝtoniĝis, kaj por tiaj de la aliaj estas nek okuloj por lin vidi nek oreloj por ilin aŭdi. Kaj kiam en esp-societo ni volas defendi individuan koncepton ni batalas ja socion, ni batalas kontraŭ esperantismo, kontraŭ ĉiuj. Se ni venkas nia memamo fieriĝas; kiam ni malvenkas, ni deflugas de la societo kaj ĝi konstruas novan neston. Problemo facile solvita, kvazaŭ la nestado vigligus nian movadon.

Ĉar ĉiu el ni sentas sin ofte gvidanto kaj mankas societoj por gvidi.

Ĉar la ideon pri disvastigo de esperanto ni vidas tra diverskoloraj okulvitroj.

Ĉar pli facile estas ruze konfuzigi la aliajn per frazoj subtilaj, per vortoj belsonaj, ol peni por akiri dum nia senĉesa laborado lokon pli altan favore al la movado.

Ĉar ni agas laŭ nia memvolonto, laŭ niaj memintereso kaj neniam laŭ la ĝenerala intereso de esperanto.

Ĉar apatio regas sur la plimulto kaj tiamaniere kiam la movado iras tien aŭ alien ĉiuj okulfermite konsentas.

La rakonteto, kiun vi legis, ne estas la vera historio pri la deveno de la ludo. Sed ĝi estas tre interesa kaj ni povas legi ĝin en preskaŭ ĉiuj ŝakokompendioj.

Inter la IX<sup>a</sup> kaj X<sup>a</sup> jarcentoj la ludo estis enkondukita en Eŭropo pere de la araboj, kvankam laŭ kelkaj verkistoj Rusio ricevis ĝin rekte de Persio kaj Hindio. La plej antikva kompendio kiun oni konas estis verkita de Portugalo Damião de Goa kaj aperis je la fino de la XV<sup>a</sup> jarcento. De tiu tempo ĝis nun multaj libroj estis verkita en preskaŭ ĉiuj lingvoj. En Esperanto mi ne scias ĉu io pri la afero ekzistas.

La ludo aktuala estas iom diferenca de la «Ĉaturanga». Oni povas dividi ĝian evoluon je tri periodoj.

La periodo de «Ĉaturanga» ĝis la VI<sup>a</sup> jarcento. La ĉefa karakterizaĵo de ĉi epoko estas ke la ŝako estis ludita per kvar personoj kiuj per ludkubo decidis kian figuron devus esti ludita. La damo estis nomita «Fiertz» kaj ĝia movo estis po unu kvadrato diagonale. La turo estis nomita «rokh» kaj nur la ĉevaloj marŝis same kiel nun. La peonoj prenis antaŭen kaj ne diagonalen kiel hodiaŭ.

La dua periodo aŭ de «Sohah tranj» daŭris ĝis la XVI<sup>a</sup> jarcento kaj estis karakterizita pro la jeno: Jam oni ne decidis per la hazardo kian figuron oni ludos kaj anstataŭ kvar personoj nur du ludantoj interbatalis.

La tria periodo aŭ aktuala komenciĝis je la XVI<sup>a</sup> jarcento. Gravaj ŝanĝoj okazis en la ludregularo. Plilongiĝis la irado de la damo kaj de la kuranto kaj oni ekuzis la arkon.

Nur post la eldono de la «Analizo de la Ŝakludo» verkita de la famekonata franca ŝakludanto Philidor, science firmiĝis la regularo de la ludo. Tiamaniere la ŝakludo disvastiĝis ke en Londono en la jaro 1851 okazis la unua internacia ŝako-konkurado. La venkinto estis la germana Anderssen. De tiam ĝis nun la ĉampionoj estas: Paul Morphi (1858), W. Steinitz (1866), Emanuelo Lasker (1894), Kapa-blanka, Aleksandro Alekhine (1927) kaj D-ro Max Euwe (1935).

(Sekvo en paĝo 20-a)

Rimedoj: Reeduki per disciplino niajn tendencojn laŭ la superaj intereso de la movado; inspiri al novaj esperantistoj la konceptojn pri malamo al skismoj, pri batalado kontraŭ individuismo, pri kunigado de ĉiuj ni al sama celo—denonci kaj kontraŭstari ĉiuspecajn deflankirojn de nia justa celo: unuiĝi por venki!